



Desequilíbrio de afetos: arte e dor

Maria Berbara

Laocoonte, cópia marmórea de época tiberiana de original helenístico do século II a. C. Vaticano, cortile ottagono. Detalhe.

Como definir a dor, e de que maneira ela se relaciona com o processo e manifestação artística? Que a sua percepção esteja intrinsecamente vinculada aos afetos e à cultura é algo discutido, ao menos, desde o Renascimento, mas por quais caminhos se formam esses vínculos? Enquanto místicos como Teresa de Ávila, seguindo uma antiga tradição medieval, enfatizam a unidade entre corpo e alma ao descrever a dor dos transe místicos como algo que pertence, essencialmente, à província do corpo, tratadistas (médicos ou não) contemporâneos chegam a ponto de negar totalmente concepções dualistas da dor, argumentando que ela é, sempre, simultaneamente física e cultural – ou psicológica. A percepção da dor parece estar relacionada, organicamente, ao próprio julgamento mental que se elabora sobre ela.

A dor é tão absoluta que não deixa espaço para nada além de si própria. Ela gera, naquele que a sofre, um confronto inescapável consigo mesmo; nada parece ser mais íntimo que a dor. Essa mesma intimidade, recolhimento, isolamento, tradicionalmente vincula-se também ao processo artístico, há séculos concebido como necessariamente doloroso. A realização artística é com frequência comparada ao parto, não apenas em virtude da fisicalidade do seu produto, mas da dor necessariamente associada ao processo. A dor, por outro lado, é tema central de representação na história da arte ocidental, em que nenhum tema foi mais frequente do que a Paixão de Cristo e suas sucessivas “imitações” (martírios, autoflagelações, etc). Também culturas radicalmente diversas, como a greco-romana, a maia ou a asteca, representam-na centralmente, associando-a a contextos religiosos, políticos ou mitológicos, entre outros.

A dor pode ser concebida como punição, mas também como redenção; um desequilíbrio dos afetos, ou o êxtase que acompanha sua máxima potência. A ideia da dor física, em si mesma, como algo necessariamente negativo que deva ser sempre eliminado, é relativamente recente na história ocidental – coincide com os grandes avanços oitocentistas no campo da analgesia e a hiperracionalização iluminista. Em outros momentos históricos, a dor é frequentemente associada a sentimentos e conceitos positivos: por exemplo à verdade, em processos inquisitoriais; à manifestação de favor divino, em estigmatizações e demais momentos da *immitatio Christi*; à integridade moral, entre estoicos e neo-estoicos; ao prazer, em experiências eróticas e místicas. O dossiê que aqui apresentamos investiga alguns aspectos dessas diferentes concepções em sua relação com as artes visuais em distintos contextos cronológicos e geográficos.